Práticas musicais de função religiosa no Brasil Central anteriormente à Romanização e à Restauração musical católica: narrativas, silêncios e relações de poder em três relatos de viajantes europeus

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: MUSICOLOGIA E ESTÉTICA MUSICAL

Fernando Lacerda Simões Duarte
PPG-Artes/UFPA, PNPD-CAPES – lacerda.lacerda@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar três narrativas de viajantes europeus no Brasil Central durante o século XIX nas quais são descritas práticas musicais de função religiosa na Igreja Católica. Busca-se aqui compreender as transformações de tais práticas na primeira metade do século XX. Recorrendo aos referenciais de memória e identidade em Joël Candau e Michael Pollak, bem como aos sistemas sociais em Luhmann, os resultados apontam para tentativas de controle institucional a Romanização e o consequente esquecimento de determinadas práticas.

Palavras-chave: Música religiosa – Igreja Católica. *Motu proprio* "*Tra le Sollecitudini*". Música paralitúrgica. Relatos de viajantes. Memória, identidade e música.

Musical Practices with Religious Function in *Brasil Central* before Romanization and Catholic Music Restoration: Narratives, Silences and Power Relations on Three European Travelers' Roports

Abstract: The pourpose of this is to analyze three narratives of European travelers in *Brasil Central* during the nineteenth century in which are described musical practices with religious function in Catholic Church. It aims at understand the transformations of such practices in the first half of the twentieth century. Using the approach of memory and identity by Joël Candau and Michael Pollak, as well as social systems by Luhmann, the results point to attempts to institutional control during Romanization and the consequent oblivion of certain practices.

Keywords: Religious music – Catholic Church. *Motu proprio* "*Tra le Sollecitudini*". Extra liturgical music. Travelers' reports. Memory, identity and music.

Introdução

Sem perder de vista o caráter transcendental e de mistério que é inerente às devoções religiosas, não se pode negar a inserção de suas manifestações no plano das culturas nas quais se inserem. Como procedemos outrora em investigação doutoral (DUARTE, 2016), abordamos aqui os sistemas religiosos como sistemas sociais complexos (LUHMANN, 1995), ou seja, sistemas sociais em constante comunicação – e, portanto, interação – com o entorno, assimilando ou não os estímulos dele provenientes, com vistas a se transformar a partir de tais estímulos ou a manter suas características inalteradas em razão de um *fechamento normativo*. Disto, se apreende que o estudo da história de uma religião, de seus ritos e sua música revela não apenas o aspecto relativo às crenças, mas também informações relevantes do ponto de vista histórico-cultural.

O presente trabalho tem como objetivo lançar um olhar sobre as práticas de música ritual católica no século XIX no território do Brasil Central – especificamente, nos atuais territórios de Goiás, Mato Grosso e Tocantins –, a partir de relatos de viajantes de origem europeia. Tais relatos revelam práticas que causariam estranhamento até mesmo no presente, quando muito se tem falado em *inculturação* (uma pretensa adaptação do ritual católico à cultura de cada povo particular) e mais ainda, anteriormente ao Concílio Vaticano II (1962-1965), quando a historiografia tende a enfatizar uma rigidez nas tradições e ritos católicos. O primeiro deles foi produzido pelo austríaco Johann Baptist Emanuel Pohl (1782-1834), em *Viagem no interior do Brasil: empreendida nos anos de 1817 a 1821 e publicada por ordem de Sua Majestade o Imperador da Áustria Francisco Primeiro*. O segundo relato se encontra em *Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas Províncias de Minas e Goiaz*, do lusitano Raimundo José da Cunha Mattos (1776-1839). O terceiro relato é do alemão Karl Von Den Steinen (1855-1929), em *O Brasil Central: Expedição em 1884 para a exploração do Rio Xingu*. Os três relatos serão apresentados no primeiro item do trabalho. Por enquanto, cabe dizer que os três se relacionam ao que Augustin Wernet (1987) caracterizou como o catolicismo tradicional, inerente ao Brasil dos tempos de colônia, com maior inclinação à vertente popular. O catolicismo tradicional era, segundo Wernet, um misto de catolicismo popular medieval – com forte atuação dos leigos – e um catolicismo tridentino, de caráter clerical e institucionalizado. Se no catolicismo tradicional estas duas vertentes tinham alguma tolerância mútua, apesar de sempre ter havido tensões (FAUSTINO, 1996), a partir de finais do século XIX, uma autocompreensão do catolicismo conhecida como Romanização ou Ultramontanismo veio a desencadear uma série de tentativas de controle por parte do clero das multifacetadas manifestações da religiosidade católica, o que implicou desdobramentos nas práticas musicais de função religiosa.

Deram origem à presente investigação os seguintes problemas: quais divergências entre as práticas musicais observadas pelos viajantes e aquelas mais costumeiramente associadas ao repertório brasileiro dos tempos de colônia e império? Qual o lugar de fala destes viajantes e quais ideologias que se revelam em suas descrições? As memórias das práticas musicais por eles descritas se perderam totalmente ou passaram por transformações? E finalmente, qual foi o impacto das reformas ou restaurações de caráter global pelas quais passaram a música e a liturgia católicas em finais do século XIX e inícios do século XX para as manifestações da religiosidade descritas no texto? Para responder a tais questões, empreendeu-se pesquisa bibliográfica e documental. Os dados obtidos foram analisados com base na já mencionada abordagem sistêmica de Niklas Luhmann (1995), bem como

recorrendo às noções de memória e identidade em Joël Candau (2011) e de silêncio em Michael Pollak (1989). Enquanto Candau propôs que as memórias coletivas – resgates do passado que se dão sempre em razão do presente – constituem elementos para as identidades compartilhadas pelos grupos humanos. Pollak enfatizou o caráter das memórias subterrâneas, de fatos que não podem ser lembrados em razão de relações de poder: "O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais" (POLLAK, 1989, p. 5).

Na primeira parte do trabalho são apresentadas três cenas descritas pelos referidos viajantes, buscando-se um breve olhar sobre o contexto da produção destas narrativas. Num segundo momento, foram analisadas as principais mudanças no catolicismo romano que parecem ter acarretado esquecimentos de tais práticas. Finalmente, busca-se um olhar sobre períodos mais recentes, nos quais as memórias que esforços oficiais procuraram reprimir foram ressignificadas ou apropriadas pelo catolicismo oficial.

1. Música religiosa em três quadros

O primeiro dos relatos aqui abordados foi produzido pelo médico, mineralogista e botânico Johann Emanuel Pohl, sobre uma missa e congada que presenciara em Goiás:

> [Ao longo do cortejo,] Um canto lento e monótono acompanhava a dança, em que eles cruzavam as pernas, estendendo-se para frente e para trás, e curvavam o corpo em diversas e estranhas contorções. No interior da igreja, nos degraus do altar, estavam dispostos dois pálios para os monarcas do dia e dois tamboretes para o príncipe e a princesa. Ao penetrarem na igreja, por entre grandes cerimônias, o padre aspergia-lhes água benta e começava a missa cantada. De tempos em tempos essas altas personalidades eram incensadas. A música foi boa, acima da minha expectativa. No final da missa foram lidos diante do altar os nomes daqueles sobre os quais recaíra a sorte para exercerem as dignidades no ano vindouro. Os tronos e tamboretes foram postos imediatamente na igreja e, logo que os dignitários tomaram os seus lugares, penetraram os músicos negros pela porta do templo, prostaram-se diante dos reais assentos e logo começaram a dançar e a cantar uma música africana. Ao terminar a dança, levantou-se o monarca negro e ordenou em voz alta que se começasse, com cantos e danças, a festa de Santa Ifigênia (POHL apud SANTOS, 2006, p. 102). [...] São iniciados os cantos e danças; o imperador, com o cetro, concede a bênção ao vassalo ajoelhado; (...) Santa Ifigênia é invocada várias vezes e, ao ecoar dos cantos e das músicas, por entre danças e as mesmas solenidades da entrada, efetua-se a saída. (POHL apud RIOS, VIANA, 2010, p. 5).

Conforme se observa no relato de Pohl, tratava-se de uma prática musical de descendentes de africanos e ao contrário de Cunha Mattos, a música lhe surpreendera

positivamente. Há de se notar que o olhar dos imigrantes europeus que se propuseram a fazer viagens pelo Brasil era inevitavelmente condicionado por sua perspectiva cultural:

> No início do século XIX, com a assinatura do decreto de abertura dos portos para as nações amigas, o Brasil foi "invadido" por pesquisadores/naturalistas provenientes de várias regiões da Europa. Esses viajantes vieram com seus olhares contaminados pelo mundo europeu e cada um, com o seu modo de ver, relatou a flora, a fauna, rios, montanhas, cidades e suas populações. Em Goyaz, como também no restante do país, os viajantes europeus oitocentistas viram o Brasil com seu olhar civilizador eurocêntrico. Para eles, a pobreza, os mestiços, o abandono e o negro eram empecilhos para o processo civilizatório da região. Ignoravam por completo o outro lado da história (SILVA, MENEZES, 2012, p. 65).

Havia, portanto, uma noção de progresso reinante no século XIX, sobre a qual se assentava a expectativa de um processo civilizador que passaria necessariamente pelo branqueamento da nação. A prática descrita por Steinen também revela a estranheza do narrador alemão em relação às práticas observadas:

> O negro sacristão já vinha com os paramentos e a missa começou. A banda militar colocou-se num pavimento mais alto, de modo que ficava por cima de nós. Tocou-se, em primeiro lugar, "Voga, voga, barquinho, pela maré suave e ondulante", seguiu-se um "pot-pourri", marcha militar e algumas melodias de óperas, e, neste momento, o sacristão correu para fora do recinto, ouviu-se um solo impetuoso no grande tambor, acompanhado pelos sinos lá fora... A estranha impressão produzida em nós por tal música numa Igreja era, todavia, de efeito edificante sobre a comunidade ali reunida. O belo é relativo, também o é a bondade sobre a terra, mas que é mais relativo do que ambas estas coisas aqui reunidas na piedade cristã? Perturbava, outrossim, a nossa vista um cachorro que focinhava aqui e ali, entre as filas dos devotos, bem assim um bode enfeitado de azul e amarelo a passear no interior da Igreja... Entre os presentes ninguém estranhava e isso impedia a nossa hilaridade. [...] (STEINEN, 1942, p. 53).

A postura relativamente flexível de Steinen em relação aos fatos observados não ocorreu com o militar e historiador Raimundo José da Cunha Mattos, que chegou a cogitar informar ao bispo as discrepâncias que observara nas práticas religiosas em sua viagem, descrevendo como sinais de desordem a presença de "inumeráveis violas, pandeiros e vários instrumentos bárbaros" que se encontravam entre os assentamentos daqueles que acorriam às festas do Império do Divino Espírito Santo e do Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Sua descrição da existência de uma dança no interior do templo se revela bastante interessante:

> 7 de junho. – segunda feira. – Hoje de manhã houve musica e bulha semelhante á de hontem. [...] A missa cantada começou [...] e quando a missa se acabou ás 2 horas, tomei novo animo, e pensei que ia

> respirar ar livre no meio do adro: qual foi porém o meu desgosto, quando o Padre Vigario descendo do altar me disse que agora faltava a festa mais bonita, a dança de N. S. A alma cahio-me aos pés com a noticia recebida: não tive remédio, resignei-me a ir ver no adro a dança que desde já me inquietava. Novo engano: o Padre Vigario, paramentado de capa, subio para a sua cadeira presbiteral, e eu ouvi huma grande gritaria: – arreda, arreda, lugar, lugar! – A esse tempo sentirão se vozes de homens cantando fóra da igreja, e huma grande bulha de pandeiros, cabaças com pedrinhas, e páos dentados Os cantores entrárão na igreja (erão os mesmos que tinhão corrido as ruas) e no corpo do templo, tendo chapéos nas cabeças, rompêrão desentoada berraria, a que chamavão canticos de louvores a N. S. Eu estive na maior inquietação observando tanta indecência, tanta profanação, tanto estrondo de pandeiros e cabaças, e tanta alegria e contentamento no Vigario, nas quatro Magestades, e no povo em geral. Não tive remedio senão ouvir canticos fóra de propósito, e decorei hum delles que mostra a incomparavel habilidade do seu autor.
> "Quem he aquella Senhora que está na sua charola? He a Senhora do Rozario qire vai para a gloria!" (MATTOS, 1836, p. 243-244).

A descrição de Mattos da viagem realizada ainda na primeira metade do século XIX revela não apenas seu estranhamento, a partir uma perspectiva eurocentrista, em relação àquilo que eram e que deveriam ser as práticas religiosas, mas principalmente o apoio do clero local a tais práticas. Assim, parecia não haver oposição, senão da parte do estrangeiro, não integrado àquele sistema.

2. Relações de poder e a música ritual

O quadro de convivência relativamente pacífica entre as manifestações do catolicismo popular e o clero viria a se alterar de maneira mais radical, contudo, a partir do último quartel do século XIX, com o crescimento da chamada Romanização. Esta vertente de pensamento ou autocompreensão que se instalou entre o clero se propunha a construir uma identidade coletiva uniforme no catolicismo. Tal identidade tinha características europeias, como era de se esperar, e procurava difundir um modelo de liturgia romano a todo o universo católico. Tal visão incompatibilizava, entretanto, com a diversidade das manifestações da religiosidade popular, bem como com as práticas musicais descritas pelos três viajantes. Assim, não foram raros os episódios nos quais o clero procurou reprimir as manifestações da religiosidade popular, recorrendo até mesmo ao uso de força policial. Ademais, por meio de instrumentos de controle próprios, os prelados deveriam dar conta de seus êxitos em tal missão, como ocorreu posteriormente com o bispo de Goiás, na década de 1920, quando relatou à Santa Sé seus esforços para controlar a Folia do Divino (DUARTE, 2016).

As práticas musicais aqui analisadas pareciam se transmitir essencialmente pela via da oralidade. Uma das poucas exceções que encontramos foi uma fonte procedente da

cidade de Catas Altas, na qual uma Folia do Divino Espírito Santo parece ter servido de intróito para uma missa de Pentecostes (DUARTE, CASTAGNA, 2016).

No âmbito da música de tradição escrita, própria das festas solenes – tais como missas em língua latina, ofícios, novenas etc. –, é possível ter uma noção mais notadamente musical das memórias que foram silenciadas por outro movimento de origem europeia, cujas bases também remetem ao século XIX, a Restauração musical católica. Este movimento se difundiu pelo universo católico, entretanto, no século XX, a partir do *motu proprio* "*Tra le Sollecitudini*" de Pio X. Semelhantemente à preocupação eurocentrista com o decoro e a solenidade ritual que marcaram os discursos romanizadores e dos viajantes europeus, as disposições do *motu proprio* se deram no sentido de banir dos templos católicos as influências da ópera e da música sinfônica, revelando um ideal de música e de culto a partir de características romanas ao qual deveriam se adequar todos os sistemas religiosos locais.

3. Inculturação, etnocentrismo e relações de controle até o presente

Apesar de não terem sido poucos os obstáculos oferecidos pelas formas mais institucionalizadas da religião católica às manifestações populares, o "renitente catolicismo popular" sobreviveu a seu modo (FAUSTINO, 1996), buscando resistir e, ao modo dos sistemas sociais complexos, adaptar-se aos novos tempos. Após o Concílio Vaticano II, essas manifestações foram fruto de oposições, mas suas memórias musicais serviram aos interesses de uma corrente reformadora constituída de clérigos e músicos, que viam na *inculturação* uma proposta adequada de renovação. Nesta proposta, sonoridades próprias da paraliturgia popular (benditos, cantos de congadas e folias) foram trazidos para o interior dos templos católicos, senão de maneira literal, como inspiração para a produção de um novo repertório de características ditas autóctones (DUARTE, 2016).

As transformações pelas quais passou o repertório litúrgico pós-conciliar não foram fruto, entretanto, de desenvolvimentos que se deram exclusivamente após o Concílio Vaticano II, ao contrário, parecem dever mais ao processo conhecido como *Aggiornamento* (atualização), que se deu principalmente no final da década de 1940 e ao longo dos 1950s. Segundo Montero (1992), o Concílio teria colocado em condição de igualdade as culturas europeia e não-europeia, mas o reconhecimento do valor da "índole de cada povo particular" foi anterior, remetendo a documentos como a Carta Encíclica "*Mediator Dei*" de Pio XII. Este período de *Aggiornamento* foi marcado pela composição de obras para a liturgia como a *Missa Luba*, de Guido Haazen, *Missa Bantu*, de A. Walschap, dentre outras (DUARTE, 2016).

Mesmo tendo havido um longo processo de assimilação de traços da religiosidade popular e de elementos que remetem à matriz africana, motivado, em grande parte, pela Teologia da Libertação, tais elementos ainda encontraram dificuldades de aceitação entre parte do clero. Se exemplos como a missa de raiz africana das terças-feiras na Igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Rosário do Pelourinho, em Salvador-BA são exemplos de uma clara assimilação da religiosidade popular amoldada a características daquela comunidade local, embates entre o clero e as tradições locais como os percebidos nas últimas décadas em relação à festa do Divino Espírito Santo, em Pirenópolis-GO, ou em relação ao marabaixo, em Mazagão Velho-AP e Macapá, ou ainda, em relação à marujada de São Benedito, em Bragança-PA, revelam a permanência de oposições e relações de poder até o presente, que se refletem e se traduzem na música de função religiosa, seja pela via da memória, seja através do esquecimento.

Considerações finais

Como resposta às questões a partir das quais se originou a presente investigação, é possível afirmar que as práticas musicais descritas pelos três viajantes aqui estudados divergem consideravelmente daquelas canônicas na historiografia da música religiosa católica no Brasil: ao invés das missas solenes, novenas e música de tradição escrita para as grandes solenidades dos brancos, parece ter chamado mais a atenção destes europeus as práticas musicais religiosas dos negros. Isto se deve, em parte, pelo estranhamento que sua visão eurocentrista, em parte, por uma noção latente de progresso nos quais o estágio civilizado seria aquele de modelo europeu. Apesar de não se conhecer elementos estritamente musicais destas práticas, as devoções deste catolicismo popular se adaptaram com vistas à sua manutenção, ainda que diante da forte oposição da Igreja Católica institucionalizada que se alinhava à Romanização. Sem dúvida alguma, os mecanismos de controle para preservar a repressão a tais práticas musicais não foram poucos (DUARTE, 2016), tais como os documentos eclesiásticos sobre música sacra, relatos episcopais e até mesmo organismos censores de música sacra. Por esta razão, a memória das práticas musicais anteriores ao Concílio Vaticano II coincidem com o modelo romanizado. Relatos como os dos viajantes aqui analisados revelam, portanto, a existência de considerável diversidade interna nas práticas de música religiosa que hoje foi relegada ao esquecimento.

Referências:

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.

DUARTE, Fernando Lacerda Simões. *Resgates e abandonos do passado na prática musical litúrgica católica no Brasil entre os pontificados de Pio X e Bento XVI (1903-2013)*. S. Paulo, 2016. 495 f. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, UNESP, São Paulo, 2016.

DUARTE, Fernando Lacerda Simões, CASTAGNA, Paulo. Folia e *Matinas do Divino Espírito Santo* em um manuscrito musical de Catas Altas-MG de 1855: memórias e esquecimentos das devoções populares em distintas identidades do catolicismo no Brasil. In: ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, 11., 2016, Juiz de Fora. *Anais*... [no prelo] Juiz de Fora: Pro-Arte; UFJF, 2016.

FAUSTINO, Evandro. O renitente catolicismo popular. São Paulo, 1996. 371 f. Tese (Doutorado em História Social). FFLCH, Universidade de São Paulo, 1996.

LUHMANN, Niklas. *Social Systems*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1995.

MATTOS, Raimundo José da Cunha. *Itinerario do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão, pelas Provincias de Minas Geraes e Goiaz....* v.1. Rio de Janeiro: Typ. Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Cª, 1936.

MONTERO, Paula. Tradição e modernidade: João Paulo II e o problema da cultura. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, n.20, a.7, out., p.90-112, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

RIOS, Sebastião, VIANA, Talita. A performance do olhar: a Congada de Santa Efigênia através do olhar de Johann Emanuel Pohl. In: ENCONTRO NACIONAL DE ANTROPOLOGIA E PERFORMANCE, 1., 2010, São Paulo. *Anais*... São Paulo: s.n., 2010. 6 p. Disponível em: < https://enap2010.wordpress.com/>. Acesso em: 05 mar. 2017.

SANTOS, Leila Borges Dias. *Ultramontanismo e catolicismo popular em Goiás de 1865 a 1907 à luz da sociologia da religião*. Brasília, 2006. 222 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

SILVA, Adriano Freitas, MENEZES, Marcos Antônio de. Relatos de viajantes em Goiás: discussões com a historiografia regional. *Emblemas*, Goiânia, v.9, n.2, p. 65-77, 2012.

STEINEN, Karl Von den. *O Brasil Central*: Expedição em 1884 para a exploração do Rio Xingu. Transcrição online. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. Disponível em: <http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/158/o-brasil-central-expedicao-em-1884-para-a-exploracao-do-rio-xingu>. Acesso em: 05 mar. 2017.

WERNET, Augustin. *A Igreja Paulista no Século XIX*: A reforma de D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861). São Paulo: Ática, 1987.